

GRUPOS TERAPÊUTICOS NA PERSPECTIVA DE UM SERVIÇO AMBULATORIAL DE TERAPIA OCUPACIONAL

**Andressa Martins Rafacho, Michele Cristina de Moraes,
Rosé Colom Toldrá**

Pontifícia Universidade Católica de Campinas / Faculdade de Terapia Ocupacional,
Av. John Boyd Dunlop s/nº Campinas SP andressarafacho@yahoo.com.br
Pontifícia Universidade Católica de Campinas / Faculdade de Terapia Ocupacional,
Av. John Boyd Dunlop s/nº Campinas SP mizinhamuraes@yahoo.com.br
Pontifícia Universidade Católica de Campinas / Faculdade de Terapia Ocupacional,
Av. John Boyd Dunlop s/nº Campinas SP rcolom@lexxa.com.br

Resumo- Este trabalho apresenta a experiência de desenvolvimento de grupos terapêuticos com diferentes clientelas, realizado como estratégia de intervenção pela Terapia Ocupacional desenvolvido no Ambulatório de Terapia Ocupacional da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Os grupos são homogêneos e funcionam como grupos fechados ou semi-abertos, de acordo com suas características, com atendimentos semanais de duração de uma hora. O estudo envolveu pesquisa documental dos prontuários, a análise e reflexão da experiência no atendimento dos grupos através de metodologia qualitativa. Os objetivos dos mesmos são compreender o processo causador da lesão, reflexão sobre a organização do trabalho, elaboração do significado da incapacidade transitória ou permanente, conscientização dos limites corporais, aprendizagem do autocuidado, prevenção e reabilitação. Nota-se que a intervenção em grupo além de facilitar troca de informações e a elaboração sobre as conseqüências da doença, promove melhora dos aspectos emocionais e funcionais, o que contribui para a qualidade de vida dos participantes dos grupos.

Palavras-chave: grupos terapêuticos, pessoas com deficiência, terapia ocupacional, reabilitação, serviço ambulatorial.

Área do Conhecimento: IV Ciências da Saúde

Introdução

O presente trabalho é desenvolvido no Ambulatório de Terapia Ocupacional da Faculdade de Terapia Ocupacional da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, um serviço escola, que visa o ensino e a assistência à população. Trata-se de um serviço conveniado ao SUS e, conseqüentemente, atende uma população de baixa renda de Campinas e região, tendo em vista ser um local de referência no atendimento à população com deficiência.

No serviço, os atendimentos grupais são realizados com a população que possui distúrbios ósteo-musculares relacionados ao trabalho (DORT), artrite reumatóide, moléstia de Hansen (MHV) e lesões dos membros superiores, entre outras. Estas intervenções foram criadas a partir da crescente demanda destas clientelas e pelos efeitos terapêuticos alcançados com esta abordagem.

No decorrer das décadas de 1980 e 1990 no Brasil, as formas de atendimentos grupais foram largamente empregadas por terapeutas ocupacionais. Observa-se que esses profissionais desenvolvem grupos terapêuticos com uma clientela bastante diversificada em relação à faixa etária e a problemática apresentada (BALLARIN,

2003) e identifica-se como uma intervenção terapêutica importante e eficaz (BRUNELLO, 2002).

O grupo terapêutico tem como objetivo promover o tratamento dos participantes e, para se efetivar, necessita da presença do terapeuta, o qual oferece aos integrantes a oportunidade de se auto-conhecerem mediante suas intervenções e interpretações (GRINBERG *et al.*, 1976) e, ao mesmo tempo, possibilita criar um ambiente mais propício para o desenvolvimento dos procedimentos de reabilitação de acordo com as diferentes necessidades dos sujeitos.

Metodologia

Para a realização do estudo, foram selecionados os participantes dos grupos terapêuticos de DORT, artrite reumatóide, hanseníase e lesões dos membros superiores, atendidos no primeiro semestre de 2007 e que tiveram alta ao final deste período. O estudo envolveu pesquisa documental dos prontuários destes usuários, arquivados no próprio serviço e a análise e reflexão da experiência no atendimento dos grupos. Para análise das informações obtidas através dos prontuários e das experiências, foi selecionada a abordagem qualitativa, que busca

“refletir a totalidade em suas múltiplas dimensões [...] onde contenham o conjunto das experiências e expressões que se pretende objetivar com a pesquisa” (MINAYO, 2000), isto orienta a observação de aspectos presentes nas relações, o que não pode ser quantificado, mas possibilita aprofundar e ampliar o conhecimento de intervenções da terapia ocupacional em grupos.

Os grupos de DORT, artrite reumatóide e hanseníase são compostos, em média, de 4 a 6 participantes, com duração de 4 meses. No caso dos dois primeiros grupos, a clientela é composta de adultos do sexo masculino e feminino, com predominância deste último, os quais se encontram em fase produtiva, alguns trabalhando outros afastados ou desempregados. No grupo de hanseníase, a faixa etária se estende até a terceira idade. Trata-se de grupos fechados, segundo Grinberg *et al.* (1976), em que não há ingresso de novos participantes após o início do processo terapêutico, dado o período determinado de duração do grupo.

Os grupos de lesão de membros superiores têm, em média, 10 participantes, compostos de adolescentes, adultos e idosos de ambos os sexos. O grupo é semi-aberto, devido à rotatividade do mesmo, em decorrência das altas dadas pela melhora da capacidade funcional, ausência ou diminuição dos sintomas e estabilização do quadro clínico.

Os grupos são conduzidos por terapeutas ocupacionais e os atendimentos ocorrem uma vez por semana, com uma hora de duração. Os encaminhamentos são, na sua maioria, referentes aos Ambulatórios de Neurologia, Ortopedia, Reumatologia e Dermatologia do Hospital e Maternidade Celso Pierrô - HMCP e profissionais de outros serviços de Campinas e região.

Os grupos se caracterizam pela homogeneidade, dado o fato dos participantes apresentarem distúrbios comuns para formação do grupo (FOULKES e ANTHONY, 1967). Esta seleção ocorre após triagem para coleta de dados e avaliação.

Resultados

No Ambulatório de Terapia Ocupacional são atendidos por semestre 3 grupos de DORT, 1 grupo de artrite reumatóide, 1 grupo de hanseníase e 15 grupos de lesões dos membros superiores. São atendidos, em média, cerca de 176 pacientes por semestre em intervenções grupais com propostas específicas para estas demandas.

Durante as intervenções grupais são realizadas dinâmicas para discussões das temáticas relativas às doenças, seqüelas, reabilitação e as desvantagens sociais vividas em decorrência da doença e/ou limitações, o que

também favorece o estabelecimento da relação terapêutica. Para os grupos de DORT e artrite reumatóide são desenvolvidas, entre outras, técnicas corporais (de respiração, alongamentos, relaxamentos), visando à conscientização corporal, diminuição dos sintomas e o desenvolvimento de hábitos de autocuidado. Nos grupos de lesão de membros superiores são realizados procedimentos nas fases pré e pós-operatórias, tais como: massagem cicatricial, movimentação ativa, passiva e resistida, dessensibilização entre outras técnicas e atividades para melhora funcional. Nos grupos de hanseníase mesclam-se procedimentos dos grupos acima citados. Nestes grupos se incluem, conforme as necessidades, confecção de órtese, orientações quanto à conservação de energia, proteção articular com indicações de adaptações para a realização de atividades.

No desenvolvimento dos grupos terapêuticos busca-se a compreensão do processo causador da lesão, reflexão sobre a organização do trabalho, elaboração do significado da incapacidade transitória ou permanente, conscientização dos limites corporais e suporte emocional.

No caso dos participantes do grupo de DORT observa-se que as principais queixas se referem aos membros superiores até a região cervico-braquial decorrente de esforços intensos, posturas inadequadas e movimentos repetitivos durante o trabalho, com sintomas de dor, sensação de peso, cansaço, formigamento, queimação, edema, perda de força nas mãos e braços. Perante as abordagens já citadas, os participantes referem diminuição da dor, da insônia e da irritabilidade; melhora da capacidade funcional; compreensão dos limites do corpo; aumento da auto-estima; aceitação da doença e reconhecimentos de suas capacidades.

Os participantes do grupo de artrite reumatóide relatam percepção da diminuição da rigidez articular, alívio da dor, melhora na mobilidade articular, maior disposição física, aceitação das dificuldades e melhora no desempenho das atividades de vida diária.

“Eu sentia sensação de peso e cansaço, os objetos caíam da mão, agora seguindo as orientações sinto que melhorou” (L. H. S.)

“Com os atendimentos senti que as dores diminuíram, hoje me sinto mais animada, antes eu era muito depressiva”. (M. B.)

A hanseníase apresenta sintomas e seqüelas físicas aparentes, como aparecimento de caroços ou edemas no rosto, orelhas, cotovelos e mãos, congestão nasal, parestesia dos membros superiores e inferiores decorrentes da lesão dos nervos periféricos. Os participantes deste grupo identificam como resultados a redução de: dores musculares, tremor, edema, ferimentos cutâneos,

bem como, melhora na hidratação da pele, aumento da coordenação motora fina e força de preensão e, ainda, repercussões positivas na relação familiar e social, dado o estigma que acompanha esta doença.

“Este grupo para mim possibilita estimular minha mão, mas também ocupar minha mente, fico contente em participar deste grupo”. (V. S. A.)

“Eu tinha vergonha de sair nas ruas, pelo tremor nas mãos, hoje me sinto melhor com a diminuição do tremor e o entendimento da doença, me sinto mais fortalecido” (J. P.)

As lesões dos membros superiores apresentam como quadros clínicos mais freqüentes as fraturas, seguida das lesões dos tendões flexores associados às lesões nervosas com diferentes graus de gravidade. Estas podem acarretar seqüelas decorrentes de deficiências motoras e/ou sensitivas, muitas vezes permanentes, afetando tanto as atividades funcionais do dia-a-dia, bem como as profissionais. É observado a partir das avaliações funcionais e de sensibilidade, que os participantes apresentam melhora sensitiva, ganho de amplitude de movimento das articulações, ganho de força e de coordenação motora fina e grossa, diminuição de deformidades e elaborações dos traumas decorrentes do acidente e das incapacidades transitórias ou permanentes.

Os atendimentos em grupo são ricos em trocas de experiências e fortalecimento do vínculo terapêutico, oferecendo um contexto pertinente para o indivíduo compartilhar problemas, experiências e aprender com o *feedback* dos outros integrantes.

“O grupo é gostoso, conhecemos pessoas diferentes passando pelo mesmo problema, isso dá força para continuar, pois você percebe que não está sozinha” (N. T.)

“Chegava tensa aos atendimentos e depois ficava mais leve”. (R. N. B.)

Para Maximino (1995), o grupo pode ser entendido como uma “caixa de ressonância”, onde as singularidades são vividas dentro de uma trama grupal, no qual cada elemento se torna significativo ao outro, passando a fazer parte de uma rede vincular.

Discussão

Em pesquisa realizada em 2000 em Campinas (TOLDRÁ; PÉREZ; MATTA) nos serviços especializados que atendem pessoas com deficiência verificou-se um predomínio de acompanhamentos individuais em relação aos de grupo, o que supõe de acordo com o estudo que uma clientela menor tenha condições de ser absorvida, dificultando o acesso ao usuário. No caso deste serviço é importante a constatação do

número significativo de pessoas atendidas em decorrência da formação de grupos terapêuticos, o que possibilita a diminuição da demanda reprimida.

Ademais, nota-se que as intervenções grupais permitem um tratamento das questões trazidas pelos sujeitos, que no âmbito individual, muitas vezes são enfocados com uma menor eficácia, dado que o trabalho em grupo valoriza os aspectos relacionais, emocionais e corporais, o que permite criar no ambiente ambulatorial um espaço de desenvolvimento de redes sociais e de apoio.

Verifica-se que, “profissionais que atuam com pessoas com deficiência e focalizam as necessidades individuais, negligenciam os aspectos sociais e políticos”. (JONGBLOED, CRICHTON, 1990 *apud* TOLDRÁ, 2000), no entanto a deficiência deve ser entendida como um problema social, e que além das questões pessoais e sociais, “envolve toda a sociedade, não só pelo aspecto econômico, mas também pelo direito de igualdade e participação social desse coletivo”. (PANTANO, 1993 *apud* TOLDRÁ, 2003)

A deficiência é vista como uma condição de impossibilidade de desenvolver determinadas habilidades ou capacidades, impossibilidade de ser suficiente, isto é, de dar conta de um perfil de desempenho esperado pelo contexto social. (RAFACHO; TAMURA, 2006), assim nota-se o valor das iniciativas que se exploram os conteúdos emocionais e relacionais.

Deste modo, as propostas de grupos terapêuticos justificam-se na medida em que se entende que estas permitem criar um espaço que estimule mudanças dos valores culturais e comportamentais dos indivíduos, no sentido de favorecer o próprio cuidado.

Tendo em vista que este serviço é referência no atendimento da área de reabilitação, busca-se perceber as necessidades de cobertura assistencial da clientela considerando as propostas da Política Nacional de Saúde da Pessoa Portadora de Deficiência (MINISTÉRIO DA SAUDE, 1993) que prevê uma assistência integral através do desenvolvimento das potencialidades e autonomia dos sujeitos e oportunidades de reabilitação como direito social destes indivíduos.

Portanto, cabe ao terapeuta ocupacional possibilitar aos integrantes do grupo a interação dos mesmos mediante suas intervenções e interpretações, privilegiando o resgate dos valores, a ação de cooperação e compreensão dos sentimentos de culpa, revolta e incapacidade que são assim socializados e ressignificados. (TOLDRÁ, 1997).

Conclusão

O estudo nos leva a considerar que o grupo proporciona um acolhimento da demanda com eficácia e satisfação dos participantes que apresentam comprometimentos físicos e emocionais, uma vez que o grupo terapêutico promove melhores condições destes compreenderem e conviverem com sua situação atual, identificar estratégias possíveis e a percepção dos próprios limites, no sentido de melhorar a condição de saúde e proporcionar o bem-estar e o processo de reabilitação.

Constata-se que a intervenção em grupo gera benefícios para os participantes já que adotam novos hábitos de autocuidado, adquirem maior grau de autonomia, mudanças de atitudes, aumento da auto-estima com conseqüente melhora da relação familiar e do convívio social, através do vínculo e das trocas de experiências que são compartilhadas no grupo.

Referências

- BALLARIN, M.L.G.S. **Algumas reflexões sobre grupos de atividades em terapia ocupacional.** Terapia Ocupacional: teoria e prática. Campinas-SP: Ed. Papyrus, p. 63-76, 2003.

- BRUNELLO, M.I.B. **Terapia ocupacional e grupos: uma análise da dinâmica de papéis em um grupo de atividade.** Terapia ocupacional da universidade de São Paulo. V.13, n.1, p.9-14, 2002.

- FOULKES, S.H. e ANTHONY, E.J. **Psicoterapia de grupo: a abordagem psicanalítica.** Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1967.

- GRINBERG, L. *et al* . **Psicoterapia de grupos.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.262, 1976.

- MAXIMINO, V.S. **A constituição de grupos de atividade com pacientes graves.** Ver. Centro Estudos Terapia ocupacional, v. 11, n. 1, 1995.

- MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 7. ed São Paulo: Ed. Hucitec, 2000.

- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Atenção a Pessoa portadora de deficiência no Sistema Único de saúde: planejamento e organização de serviço.** Brasília: Ministério da saúde, 2003.

- RAFACHO, A. M. e TAMURA, R. A. I. **Reabilitação baseada na comunidade: redescobrimo novos caminhos para equiparação de oportunidade para pessoas com deficiência.** Trabalho de Conclusão de

Curso da Faculdade de terapia Ocupacional da PUC-Campinas, 2006.

- TOLDRÁ, R. C. **Lesões por esforços repetitivos: abordagem grupal e corporal.** Anais do V Congresso Brasileiro e IV Simpósio Latino Americano de Terapia Ocupacional. Belo Horizonte. p.145-147, 1997

- TOLDRÁ, R. C. **Reflexões acerca da Terapia Ocupacional na atenção à pessoa portadora de deficiência física.** Terapia Ocupacional: teoria e prática. Campinas, SP: Editora Papyrus, p. 49-60, 2003.

- TOLDRÁ, R.C. PÉREZ, M.A.G. MATTA M.A P. **Caracterização da assistência aos portadores de deficiência física nos serviços públicos de saúde em Campinas.** Terapia ocupacional UFSCAR. V.8, n.1, p.13/21, 2000.